

ESCUTANDO O ADOLESCER: REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Ana Carolina Morais Cardoso Azevedo ¹

Rafaelly Lima Barros Interaminense ²

Laila Pordeus de Oliveira ³

Hellen Jennifer Leite Tenório ⁴

Viviane Alves dos Santos Bezerra ⁵

RESUMO

A adolescência apresenta-se como uma fase do desenvolvimento marcada por mudanças físicas, psíquicas, emocionais e sociais do ser humano. Esta etapa, que vai dos 12 aos 20 anos de idade, pode ser acompanhada de problemas psicológicos envolvendo o auto julgamento pelas mudanças corporais, a pressão escolar, as mudanças no comportamento sexual, *bullying* e entre outros fatores que podem acarretar sofrimento psicológico. A escola, por ser o ambiente em que a maioria dos adolescentes passam boa parte dos seus dias, torna-se um lugar oportuno para trabalhar as questões de saúde mental e emocional. Pensando nisso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do Plantão Psicológico, realizado em uma escola integral da cidade de Campina Grande, Paraíba. O Plantão foi realizado de 02/05/2023 a 01/06/2023 e durante esse período foram atendidos 17 alunos/as. As principais demandas que levaram os alunos a procurar essa modalidade de atendimento psicológico foram crises de ansiedade, ideação suicida, automutilação, problemas familiares, demanda escolar, entre outros. Por fim, conclui-se que a realização dos atendimentos foi importante para a formação dos estagiários e para os alunos da escola, fazendo com que os mesmos entendessem melhor seus sentimentos e emoções, suas vivências na escola e suas relações com os familiares e amigos. Algumas dificuldades enfrentadas foram a ausência de um local específico para a realização das escutas, a falta de apoio de alguns professores, além da dificuldade da gestão da escola de entender o funcionamento do plantão realizado, o que dificultou na própria orientação para os estudantes.

Palavras-chave: Adolescência, Plantão Psicológico, Escola.

INTRODUÇÃO

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência começa aos 12 anos e termina aos 19 anos de idade. Pode ser compreendida como a fase do desenvolvimento humano em que ocorrem mudanças físicas, emocionais, cognitivas, sociais e

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, anacarolmca01@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, rafaelly.interaminense@aluno.uepb.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, lailapordeus@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Advogada (Unifacisa), Especialista em Prática Judicante (UEPB), advhellenleite@gmail.com;

⁵ Professora orientadora; Psicóloga (UFCG), Mestra em Psicologia Social (UFPB), Professora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, vivianebezerrapsi@gmail.com.

a ocorrência da puberdade. É um estágio que ocorre após a infância e antes da vida adulta, e apesar de alguns órgãos estabelecerem a faixa etária que compreenderia esse período, a adolescência não pode ser tomada como um fenômeno universal, uma vez que irá atingir os jovens de formas diferentes a depender do contexto social e econômico que estejam inseridos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

O adolescente, com frequência, é taxado de forma estereotipada pela sociedade, como aquele indivíduo rebelde e dificilmente é escutado e levado a sério pelos adultos. A verdade é muitos jovens estão tentando lidar com as mudanças da nova fase, aprendendo a conviver com as mudanças corporais, questões de sexualidade, mudanças hormonais, necessidade de individualidade e entre outros fatores que afetam o sistema psicológico (WAGNER et al., 2002).

A pandemia da COVID-19 trouxe inúmeros problemas para a população brasileira e os adolescentes foram atingidos de modo negativo durante o período de avanço da doença pelo mundo e o processo de quarentena. A falta de privacidade, o medo da doença, a preocupação com si próprio e com a família e o prejuízo com a educação de ensino a distância (EAD) foram alguns dos principais fatores para que os jovens começassem a apresentar sintomas ansiosos e depressivos, ou os que já possuíam, piorassem (GOMES et al., 2021).

Com a volta ao presencial e a contração do contexto pandêmico, as escolas se veem na função de criar estratégias para manejar as questões naturais da adolescência e os efeitos da pandemia nos estudantes, visto que, de acordo com o Censo Escolar do INEP de 2022, 6,9% das escolas públicas têm entre 20% e 50% de alunos em tempo integral, ou seja, muitos jovens passam boa parte do seu tempo no ambiente escolar.

Por conseguinte, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), por meio de uma enquete realizada com mais de 7,7 mil adolescentes e jovens de todo o Brasil mostrou que, recentemente, metade sentiu necessidade de pedir ajuda sobre saúde mental. O levantamento apontou também que 50% dos respondentes não conheciam serviços ou profissionais dedicados a apoiar adolescentes na área da saúde mental. A pesquisa citada demonstra o quanto a saúde mental do público juvenil é algo que deve estar em pauta nos contextos em que essa parcela da população se insere, além da ausência de divulgação e ampliação de espaços para o atendimento psicológico desse público.

Tendo isso em vista, dentre as diversas estratégias que podem ser adotadas pelas escolas para cuidar da saúde mental dos adolescentes e jovens, destaca-se o Plantão Psicológico. De acordo com Barbosa e Casarini (2021), apresenta-se como modalidade de

atenção psicológica, a qual surge no final da década de 70 originalmente no Brasil, fundamentado na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Conforme aponta Tassinari (2010):

Pode-se definir *Plantão Psicológico* (grifo da autora) como um tipo de atendimento psicológico que se completa em si mesmo, realizado em uma ou mais consultas sem duração predeterminada, objetivando receber qualquer pessoa no momento exato de sua necessidade para ajudá-la a compreender melhor sua emergência e, se necessário, encaminhá-la a outros serviços. Tanto o tempo da consulta quanto os retornos dependem de decisões conjuntas (plantonista/cliente) no decorrer do atendimento. É exercido por psicólogos que ficam à disposição das pessoas que procuram espontaneamente o serviço em local, dias e horários preestabelecidos podendo ser criado em diversos locais e instituições. Em cada ambiente, precisará criar estratégias específicas, desde sua divulgação (processo de sensibilização à comunidade) até sua relação com a própria instituição/local (p. 100).

Ainda sobre a modalidade do Plantão Psicológico na ACP, segundo Souza et al (2019), a abordagem citada tem como principal pressuposto o fato de que o ser humano é um organismo com tendência ao desenvolvimento pleno, que reverbera em maturidade psicológica. Existem três premissas da abordagem citada que fundamentam a prática do Plantão Psicológico, são estas: (1) a disponibilidade incondicional para aqueles que buscam atendimento; (2) a escuta esclarecedora e facilitadora da demanda apresentada pela pessoa, sempre partindo do modo como a demanda é compreendida pela pessoa atendida; e, (3) os desdobramentos do processo de encontro. A clareza da duração do encontro para o atendido proporciona um melhor aproveitamento deste processo, podendo ser feitos outros encaminhamentos, caso necessário.

Souza et al. (2019) também relata sobre a importância do Plantão Psicológico no contexto escolar, dentre os destaques está o fato do Plantão ser realizado de maneira terceirizada, pois uma vez que os plantonistas não fazem parte do quadro de funcionários da escola, os alunos sentem mais liberdade para trazer temáticas mais particulares e o foco torna-se holístico no aluno, indo além da visão desse aluno como ser aprendiz. O psicólogo escolar e educacional pode fazer uso do Plantão Psicológico como um instrumento de ação para a quebra da estereotipia em torno da Psicologia na escola, ainda vista como foco nos alunos-problema, desajustados e problemáticos, sendo preciso mostrar que o papel da Psicologia Escolar e Educacional está, dentre outras coisas, em ofertar espaços onde os sujeitos possam externalizar suas angústias e sofrimentos.

Por fim, é inegável que a escola se mostra como um local de promoção do desenvolvimento humano, mas também se apresenta como um ambiente de inúmeras problemáticas que podem trazer sofrimento e angústia para os alunos, mostrando a necessidade de um serviço de escuta clínica, como ocorre no Plantão Psicológico, objetivando

acolher as demandas afetivas e emocionais de todos aqueles que compõem a escola, em específico dos alunos.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência da atividade de Plantão Psicológico, desenvolvida com adolescentes de uma escola pública estadual da cidade de Campina Grande/PB. O presente trabalho pretende contribuir com a exposição dessa temática, assim como incentivar mais pesquisas no meio acadêmico voltadas para o público adolescente, além de estimular o trabalho, que se mostra extremamente necessário, com essa parcela da população em clínicas-escolas e outros espaços públicos de atendimento psicológico.

METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como um relato de experiência que busca apresentar a prática do Plantão Psicológico desenvolvida junto a estudantes de uma escola pública estadual, localizada na Cidade de Campina Grande/PB. É válido salientar que essa atividade fez parte de um projeto mais amplo de Estágio Básico Supervisionado promovido pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O objetivo do referido estágio era desenvolver com graduandos de psicologia as habilidades necessárias para a atuação em comunidades, especificamente no âmbito das políticas públicas. A priori, pretendia-se trabalhar apenas com atividades em grupo, mas durante a inserção no campo percebeu-se a necessidade de implementar a prática do plantão psicológico na instituição de ensino.

Desse modo, as atividades do plantão foram realizadas por oito estagiários do curso de Psicologia da UEPB, durante os meses de maio de junho de 2023. Os plantões ocorreram de segunda a quinta-feira em horários preestabelecidos, e durante o horário definido para o plantão, dois estagiários ficavam disponíveis para atender às possíveis demandas dos alunos.

Após cada atendimento realizado, os estagiários deveriam preencher a ficha de triagem do paciente com dados do cliente, bem como registrar o que foi vivenciado no diário de campo para posterior discussão em supervisão. No presente trabalho, serão analisados especificamente os dados do diário de campo dos estagiários, a partir dos quais pode-se ter uma compreensão acerca da atividade realizada. Assim, os dados do diário de campo foram organizados em quatro categorias, que serão apresentadas e discutidas a seguir: (1) características dos alunos que buscaram o plantão; (2) principais demandas apresentadas; (3) principais dificuldades encontradas na prática do plantão; e, (4) potencialidades do plantão psicológico no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características dos alunos que buscaram o plantão

Conforme pode ser observado no Quadro 1, ao todo foram atendidos 18 alunos, sendo 13 do gênero feminino e 5 do masculino, com idades entre 10 e 16 anos, cursando do 5º ano do ensino fundamental ao 2º ano do ensino médio. Nota-se que houve uma maior busca do plantão pelo público feminino, o que vai de encontro ao que foi observado no estudo de Mena, Silva e Castro (2023), que relata a experiência do plantão psicológico realizado com adolescentes da cidade de Manaus. No referido estudo, observa-se que a busca pelo serviço do plantão foi equivalente entre o público masculino e feminino. No entanto, o dados do presente estudo estão de acordo com uma série de pesquisas que mostram que as mulheres, em geral, buscam mais os serviços de saúde do que os homens, especificamente quando se trata do cuidado em saúde mental, o que pode estar relacionado com uma série de estigmas em torno da masculinidade. Segundo Romaro e Oliveira (2008), a maior procura por escutas e acompanhamento psicológico pelo gênero feminino é maior porque na sociedade, é mais comum e mais aceito que as mulheres se expressem e coloquem seus sentimentos em questão, enquanto os homens são julgados por fazerem o mesmo pois precisam mostrar “serem fortes”, e a expressão de sentimentos seria uma demonstração de fraqueza.

Quadro 1: Percentual dos participantes que buscaram o plantão psicológico, por idade

Idade	Quantidade	%
10 anos	1	5%
13 anos	4	22%
14 anos	5	27%
15 anos	4	22%
16 anos	2	11%
17 anos	2	11%
Total	18	100%

Fonte: Elaboração Própria, 2023.

Principais demandas apresentadas

O Quadro 2 apresenta as principais demandas que foram relatadas pelos alunos que buscaram o plantão. Observa-se que entre as queixas mais recorrentes estão as relações familiares (28%), os sintomas de ansiedade (18%) e o cotidiano na escola integral (10%).

Quadro 2: Demandas mais recorrentes nos alunos que buscaram o Plantão Psicológico

Demanda	Quantidade	%
Autoestima	4	8%
Automutilação	2	4%
Violência	1	2%
Ansiedade	9	18%
Depressão	1	2%
Tentativa de suicídio	4	8%
Relações familiares	14	28%
Escola Integral	5	10%
Vida amorosa	4	8%
<i>Bullying</i>	2	4%
Sexualidade	2	4%
Solidão	2	4%
Total	50	100%

Nota: O número de demandas apresentadas é superior ao número de alunos, pois alguns alunos apresentaram mais de uma demanda. **Fonte:** Elaboração Própria, 2023.

Autoestima

Os adolescentes trouxeram nas escutas suas questões com a autoestima, muito relacionadas com a forma como as outras pessoas as enxergavam e como isso refletia neles. Um caso foi destaque nessa temática, o qual a aluna sofria problemas com relação a aceitação do seu cabelo crespo devido comentários recebidos por pessoas do seu convívio, que pediam que a mesma tentasse “domar” seu cabelo, trazendo um sofrimento visível, uma dificuldade de aceitar-se e sendo sua demanda principal durante os dois atendimentos realizados com a usuária do plantão.

Depressão, tentativas de suicídio e autoagressões

O tema da depressão surgiu em algumas consultas, e alguns casos relacionava-se com o sofrimento do luto do fim da infância, das questões de desenvolvimento, relações afetivas, violência, pressão escolar, falta de apoio e entre outros. Os sintomas encontrados foram o de melancolia, falta de vontade de fazer as atividades do dia a dia, querer se isolar tanto em casa como na escola, falta de perspectiva de futuro, choro, e outros possíveis motivos como hiperatividade e dificuldade de aprendizagem. Em um caso, um aluno relatou ter tentado suicídio, ao qual não aguentava mais sofrer e tinha muitas crises as quais chorava muito e se auto-agredia.

A automutilação também foi um fenômeno presente nos atendimentos. De acordo com Dutra e Maran (2022), a mesma pode ser definida como uma agressão autoinfligida de maneira intencional, voluntária e executada repetidamente. As lesões são realizadas em áreas do corpo de fácil acesso e pode haver a presença de objetos perfurocortantes. O ambiente escolar é um dos espaços mais comuns em que identifica-se o aumento e disseminação dessas práticas, com um notável despreparo dos profissionais de saúde e educação sobre como prevenir e lidar com essas situações. Durante a realização dos plantões, foi percebido uma maior prevalência desse tipo de agressão nas adolescentes atendidas, sendo assim, é perceptível uma preponderância de casos no gênero feminino, algo também presente na literatura.

Sintomas de ansiedade

A ansiedade se baseia no sentimento e sensação de perigo e inquietação, podendo ser moderada ou grave dependendo dos sintomas. Os alunos que chegaram as escutas com queixas de ansiedade, traziam sintomas como hiperatividade, choro, aceleração dos batimentos cardíacos, falta de ar, nervosismo e entre outros; alguns até apresentaram ataques de pânico no processo do atendimento ou relataram já terem experienciado esses ataques no ambiente escolar.

Relacionamento com os pais

Pode-se notar que uma das maiores queixas dos alunos foi a relação com seus pais, isso porque o comportamento afetivo, a comunicação, a confiança, o apoio e o respeito que deveriam ser passados dos pais para os filhos não são realizados, afetando a saúde mental e o comportamento do adolescente, tanto na escola como nas relações sociais e suas escolhas durante a adolescência. Alguns relataram que seus pais não entendem suas dificuldades e os

pressionam a serem ótimos alunos, outros trouxeram que seus pais não respeitam quem eles são como indivíduos, os deixando em uma situação de desamparo.

Relacionamentos amorosos

Relações amorosas também foram temáticas trazidas pelos alunos, diante o fato de que as vivências amorosas na adolescência estão ligadas ao processo de formação identitária esperado nessa etapa do desenvolvimento (PEREIRA et al., 2022). Tendo isso em vista, os adolescentes trouxeram questões referentes à término de relacionamento, ciúmes, dificuldades em tomar decisões que possam afetar essa relação e a importância do namorado/a na vida deles, como a pessoa que os escuta e os acolhe diariamente.

Dificuldades com a escola integral

Os alunos presentes no plantão relataram dificuldades em estar em uma escola em tempo integral, alguns deles por serem novatos e ainda estarem se adaptando ao formato de ensino. Dentre as principais queixas estavam o cansaço e a dificuldade para estudarem e fazerem as atividades ao chegarem em casa no final do dia, falta de identificação com as matérias do período da tarde, em que eles não entendiam sua necessidade e importância, receio por passar a maior parte do dia longe da família e dificuldades de acompanhar o ritmo da instituição.

Bullying

O *bullying* foi uma demanda presente e com prevalência dentro do próprio ambiente escolar. Oliveira-Menegotto (2013) reitera sobre esse fenômeno, caracterizado por atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra as vítimas, que apesar dos estudos serem recentes, é um fenômeno antigo e preocupante. Também foi percebido a ausência de ações da escola para combater esse tipo de violência, o que angustiava os alunos e mostrava a falta de preparo dos profissionais de educação quanto a temática.

Orientação sexual e identidade de gênero

Ao se tratar de temas de sexualidade humana, como orientação sexual e identidade de gênero, percebe-se que a escola é um local propício para trabalhar, educar e acolher os alunos LGBTQIAPN+ e demonstrar apoio à comunidade, assim como as famílias. Porém, foi percebido em algumas escutas que essa realidade não é regra e que jovens sofrem

homofobia/transfobia no próprio núcleo familiar, fora o social. Um exemplo encontrado foi de um menino transexual que relatou sofrer preconceito e agressões verbais da mãe e do padrasto só por não corresponder psicologicamente e fisicamente ao gênero que lhe foi imposto em seu nascimento.

Principais dificuldades encontradas na prática do Plantão Psicológico

A prática do plantão psicológico no ambiente escolar apresentou dificuldades durante sua realização, tendo como destaque a ausência de um ambiente próprio para sua realização, ocorrendo em um laboratório da escola, gerando a falta de privacidade entre estagiários e clientes, com entradas e saídas de funcionários, além da interrupção por professores, que se utilizavam do espaço e não respeitavam o momento da escuta, deixando os alunos que procuravam o serviço desconfortáveis. Bezerra (2014) afirma que a existência do plantão psicológico em escolas é um convite para repensar novas estruturas dentro da estrutura escolar, seja pelo número escasso de profissionais, seja pela ausência de um convênio que o viabilize ou pela falta de espaços destinados especificamente a essas práticas.

Além dos problemas já citados, os dias de plantão não eram bem repassados para os alunos e estes não sentiam muita segurança em serem usuários do plantão, com alguns estigmas relacionados aos atendimentos psicológicos. Prado e Bressan (2016) destacam que o estigma pode ser compreendido como um distanciamento resultante da ação do medo, tendo em vista que o receio, a falta de informação, o preconceito e a discriminação são considerados atitudes mobilizados por crenças negativas que levam as pessoas a temer, rejeitar e evitar tudo que é desconhecido, principalmente no caso da população que possui transtornos mentais.

Potencialidades do plantão psicológico no ambiente escolar

A prática do plantão psicológico na escola citada teve impactos positivos para os usuários, visto que os alunos, ao final do momento de escuta relataram alívio dos sintomas, mais tranquilidade com as situações que estavam vivenciando e também ocorreu o retorno aos plantões feito por pelo menos três adolescentes que haviam sido atendidos, em que os mesmos trouxeram um *feedback* dos desdobramentos dos seus atendimentos. Em síntese, o serviço disponibilizado proporcionou espaços de diálogo na escola em que os usuários puderam compartilhar suas angústias e sofrimentos e possibilitar o manejo dos mesmos, além de promover o autoconhecimento e inclusão dessa parcela da população na sociedade, que muitas vezes não os enxerga.

Ademais, os atendimentos foram vistos de forma positiva pela equipe gestora da escola, que solicitou que houvesse uma continuidade do projeto no local, tendo em vista as inúmeras necessidades, a evolução e melhora dos alunos atendidos e a grande demanda ainda presente mesmo após a finalização do projeto de estágio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo apresentar a experiência do Plantão Psicológico, realizado com adolescentes de uma escola pública estadual da cidade de Campina Grande/PB. A partir da análise dos dados do diário de campo, foi possível observar que, durante o período em que ocorreu o plantão, houve uma maior busca pelo gênero feminino, com as principais demandas estando relacionadas à questões familiares, sintomas de ansiedade e vivência na escola integral. Além disso, também foram destacadas algumas potencialidades e limitações da realização do plantão psicológico no ambiente escolar.

Embora a experiência relatada neste trabalho tenha sido algo pontual, é possível perceber a relevância de que mais ações nessa direção sejam realizadas nas escolas, uma vez que os adolescentes e jovens têm apresentando questões de saúde mental que acabam vindo à tona neste ambiente. Nessas ocasiões, o plantão pode ser uma modalidade de atendimento propícia por fornecer um acolhimento e escuta nos momentos de crise, além de possibilitar encaminhamentos mais adequados. Desse modo, espera-se que a experiência ora relatada possa inspirar a realização de ações semelhantes, que visem propiciar uma atenção integral a saúde dos adolescentes e jovens no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

6,9% das escolas públicas têm entre 20% e 50% de alunos em tempo integral. **INEP**, 2023. Disponível em: [https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/6-9-das-escolas-publicas-tem-entre-20-e-50-de-alunos-em-tempo-integral#:~:text=No%20Brasil%2C%206%2C9%25,Teixeira%20\(Inep\)%20em%20fevereiro](https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/6-9-das-escolas-publicas-tem-entre-20-e-50-de-alunos-em-tempo-integral#:~:text=No%20Brasil%2C%206%2C9%25,Teixeira%20(Inep)%20em%20fevereiro). Acesso em: 19 ago. 2023.

AMARAL, A. P.; SAMPAIO, J. U.; MATOS, F. R. N.; POCINHO, M. T. S.; MESQUITA, R. F.; SOUSA, L. R. M. Depressão e ideação suicida na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção. **Enfermería Global**, v. 19, n. 3, p. 1-35, 2020.

BARBOSA, F.; CASARINI, M. A. Intervenções em plantão psicológico humanista-fenomenológico: pesquisa em serviço-escola. *Psicologia em Estudo*, v. 26, e46700. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.46700>. Acesso em: 22 ago. 2023.

BATISTA, M. A.; OLIVEIRA, S. M. S. S. Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. *Psic: Revista da Vetor Editora*, v. 6, n. 2, p. 43-50, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-73142005000200006&script=sci_arttext

BEZERRA, E. N. Plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 14, n. 1, pp. 129-143. 214.

BINOTTO, B. T.; GOULART, C. M. T.; DA ROSA PUREZA, J. PANDEMIA DA COVID-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. *Psicologia e Saúde em debate*, v. 7, n. 2, p. 195-213, 2021.

DUTRA, S. M; MARAN, M. L. C. J., Automutilação na adolescência: um fenômeno psicossocial da contemporaneidade. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 12, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34468>

GOMES, A. D.; TAVARES, C. M. M.; CARVALHO, J. C.; SOUSA, M. T.; SOUSA, M. M. T. Emoções manifestas por adolescentes escolares na pandemia COVID-19. *Research, Society and development*, v. 10, n. 3, p. e47110313179-e47110313179, 2021.

IMPACTO da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a 'ponta do iceberg'. Unicef, 04 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/impacto-da-covid-19-na-saude-mental-de-criancas-adolescentes-e-jovens>. Acesso em: 20 ago. 2023.

JATOBÁ, J. D.; BASTOS, O. Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56, 171-179, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/qq3wLVwDfBpnZW9chB6wBtG/>

MONTEIRO, K. C. C., & LAGE, A. M. V. A depressão na adolescência. *Psicologia em estudo*, 12, 257-265, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/MkvrXG3yj7dg6SRCYxGqkXK/?lang=pt>

Metade dos adolescentes e jovens sentiu necessidade de pedir ajuda em relação à saúde mental recentemente, mostra enquete do UNICEF com a Viração. UNICEF, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/metade-dos-adolescentes-e-jovens-sentiu-necessidade-de-pedir-ajuda-em-relacao-a-saude-mental-recentemente>. Acesso em: 19 ago. 2023

NEWMAN, K., HARRISON, L., DASHIFF, C., & DAVIES, S. Relações entre modelos de pais e comportamentos de risco na saúde do adolescente: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16, 142-150, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/pd5nJtZJ4SZwZHRJbs4LRKB/?lang=pt>. Acesso em: 5 out. 2023

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicologia: teoria e prática**, v.15, n.2, São Paulo, ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200016

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PEREIRA, C. S. et al. Investigando perspectivas de adolescentes sobre vantagens e desvantagens das relações amorosas. **Acad. Paul. Psicol.** vol.42 n.102, São Paulo, jan./jun. 2022

PRADO, A. L.; BRESSAN R. A. **O estigma da mente: transformando o medo em conhecimento**. Revista Psicopedagogia, v. 33, n. 100, São Paulo, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000100012

ROMARO, R. A.; OLIVEIRA, P. E. C. L. **Identificação das queixas de adultos separados atendidos em uma clínica-escola de Psicologia**. Psicologia: ciência e profissão, 28, 780-793.l, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/WbQwzVBFYRFq3ygfYBkQVgN/>

SFAIR, S. C., BITTAR, M., LOPES, R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. Saúde e Sociedade, 24, 620-632, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Bwt8JnymQL5zc9PHRrj6P4y/>

TASSINARI, M. A Abordagem Centrada na Pessoa e suas dimensões: Psicoterapia Breve e/ou Plantão Psicológico. In: CARRENHO, E.; TASSINARI, M.; PINTO, M. A. S. (Orgs.). **Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa: dúvidas e perguntas mais frequentes**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2010.